

#cm

2

FIM DE SEMANA



*‘A arte tem
feito mais
pelo Brasil do
que o Brasil
pela arte’*

Em cartaz no **Teatro Claro Mais RJ** com **‘Chatô e os Diários Associados, 100 Anos de Paixão**, Stepan Nercessian dá vida ao **magnata das comunicações** em meados do século. Em **entrevista ao Correio**, fala de sua bissexta participação no teatro e filosofa sobre **os desafios de quem faz arte no Brasil**. Pág. 2

ENTREVISTA | **STEPAN NERCESSIAN**

ATOR



Carlos Costa/Divulgação

Stepan Nercessian dá vida a Assis Chateaubriand, magnata das comunicações nos meados do século passado

‘Talvez eu tenha feito menos teatro do que deveria’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

É dia de Stepan Nercessian subir ao palco: “Chatô e os Diários Associados – 100 Anos de Paixão” em cartaz no Teatro Claro Mais RJ, em Copacabana, tendo esse titã do nosso cinema no papel título. No audiovisual, ele é figura cativa desde 1969, data de sua estreia, numa arrancada já em posto de protagonista, à frente do cult “Marcelo Zona Sul”, dirigido por Xavier de Oliveira. Dali, o James Dean de Goiás passou a década de 1970 a participar de filmes míticos, como “Rainha Diaba” (1974) e “A Gargalhada Final” (1979), tendo encarnado o Querô de Plínio Marcos (1935-1999) no “Barra Pesada” (1977), de Reginaldo Faria. Fez TV à pampa nas décadas seguintes e, a partir dos anos 2010, virou o divo do diretor Andrucha Waddington, que o transformou no Abelardo Barbosa do filme “Chacrinha: O Velho Guerreiro” (2018) e no Doutor Samuel da série “Sob Pressão”. Paralelamente, Stepan ainda se firmou como escritor, ao publicar dois bons livros: “Garimpo de Almas” (editora Tordesilhas) e “Guia Prático para Inadimplentes e Negativados” (editora Albatroz).

Mas onde ficam as artes cênicas nesse seu périplo artístico? A resposta Stepan revela neste papo com o Correio da Manhã, ao analisar as escolhas estéticas de “Chatô e os Diários Associados – 100 Anos de Paixão”, um texto de Fernando Moraes e Eduardo Bakr.

Na base da dramaturgia, aparece a biografia “Chatô – O Rei do Brasil”, best-seller escrito pelo supracitado Fernando. Tadeu Aguiar assina a direção geral do espetáculo, que aborda a trajetória profissional de Assis Chateaubriand (1892-1968), fundador do império midiático que transformou a imprensa brasileira. Produzido pela Voglia Produções Artísticas, o espetáculo é apresentado pelo Ministério da Cultura e Petrobras. É parte do Programa Petrobras Cultural.

O elenco inclui Marcelo Alvim como o aspirante a jornalista Fabiano; Aline Serra, como a também repórter Juliana; e Sylvia Massari como Dona Janete, secretária do comunicador. Stepan, nosso Chatô, fala a seguir sobre sua relação com o Midas das comunicações.

“*Eu falo que o teatro é um sacerdócio. Não basta ter talento e vocação, você tem que ter uma dedicação quase que matrimonial*”

“*O artista brasileiro é resiliente. Luta contra a maré, enfrenta todas as dificuldades e constrói um acervo cultural*”

Como se deu seu processo de imersão no legado de Chatô e de que forma você construiu a figura dele em função de sua relação com a comunicação?

Stepan Nercessian - O Chateaubriand sempre esteve presente na minha vida, assim como estava na vida da maioria dos brasileiros, através da televisão. Eu me lembro lá em Goiânia da TV Rádio Clube, do Clube do Curumim. Era tudo muito marcante porque era a chegada da televisão no Brasil. Então, essa imersão já existia um pouco dentro de mim. Fui descobrindo mais coisas lendo a biografia dele, que reli com mais atenção agora. Tem pouca referência física e da voz dele, então não me preocupei com isso. Tentei pegar mais a sua personalidade ativa.

Quem é o seu Chatô e o que ele representa da resiliência do povo do Brasil?

O meu Chatô é um impertinente, uma figura que não tem limites, não tem medo de nada. É um desassombrado. Ele enfrenta os poderosos e a burguesia, e faz tudo em função de um projeto que bota na cabeça. Ele quer ter um império de comunicação e vai construir esse império de qualquer maneira. A cara do brasileiro. Chateaubriand foi fundamental para construir o Brasil em que a gente está hoje. Não sei quanto tempo ainda teríamos de atraso se não fossem as ousadias dele.

Você fez história com o cinema, mas o teatro é uma presença na sua carreira. De que maneira se construiu a sua carreira nos

palcos?

Talvez eu tenha feito menos teatro do que deveria. Eu falo que o teatro é um sacerdócio. Não basta ter talento e vocação, você tem que ter uma dedicação quase que matrimonial. Eu admiro muito meus colegas que se dedicam tanto ao teatro. Temos tantos grandes exemplos de pessoas apaixonadas. Eu fui meio bissexto nos palcos. Comecei fazendo com a Camila Amado, com quem eu fui casado durante anos. Estreei fazendo “A Dama das Camélias” lá atrás. Depois, fui fazendo esporadicamente, mas eu tinha muito medo de fazer teatro. Cansei de falar que, quando fiz cinema, bastaram duas ou três vezes e já sabia fazer cinema. Fiz uma ou duas novelas e já sabia fazer televisão. Mas, quanto mais eu fazia teatro, menos eu sabia. É um desafio constante, dia a dia. A dona Fernanda Montenegro me falou uma vez que teatro não é uma zona de conforto. E é verdade, não é uma zona de conforto, mas é apaixonante, alucinante e fundamental para a formação de um ator.

Como você, em sua trajetória plural de ator, escritor e diretor, vê o atual estado da arte no Brasil hoje? O que o cinema brasileiro vem expressando hoje de melhor?

Costumo dizer que, quando o país está bem, a arte vai bem. Não dá para dissociar uma coisa da outra. Porém, em determinados momentos, a arte tem feito mais pelo Brasil do que o Brasil pela arte. O artista brasileiro é resiliente. Vai lutando contra a maré, vai enfrentando todas as dificuldades do mundo e vai construindo um acervo cultural brasileiro. A arte é uma das nossas maiores riquezas. Neste momento, por exemplo, fico muito feliz de ver filmes brasileiros conseguindo projeção internacional. Mas é pouco. Há uma quantidade enorme de filmes feitos aqui que ninguém vê e nem fica sabendo. Não chega ao público e isso me preocupa muito. Enquanto uns poucos ganham prêmios internacionais, outros tantos não são nem exibidos no Brasil, quanto mais no exterior.

Quais são seus próximos passos para o teatro e para as telas?

No teatro, vou estrear agora o Chateaubriand para uma curta temporada. No cinema, tenho convites para fazer filmes. Na TV, vamos gravar a segunda temporada de “Os Donos do Jogo”, e acabei de fazer uma novela... Vou fazendo o que vai aparecendo.



'Veias Abertas 60 30 15 Seg' é uma página radical na história do grupo Aquela Cia

Artérias que inflamam latinidade



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Por que se lê... tanto... dentro e fora do ambiente universitário... a prosa do jornalista uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015), a ponto de ela render um espetáculo teatral, chamado "Veias Abertas 60 30 15 Seg", que promete ser "A" sensação da reta final do Festival de Curitiba. A resposta pode estar nas frases que ele deixou como legado, tipo: "Vivemos em plena cultura da aparência: o contrato de casamento importa mais que o amor, o funeral mais que o morto, as roupas mais do que o corpo e a

Uma releitura de 'As Veias Abertas da América Latina', o clássico de Eduardo Galeano, mescla política e poética no desfecho da 34ª edição da maior maratona teatral do país

missa mais do que Deus."

Se a dialética dele não te convenceu ainda, talvez seja o caso seguir o que esse escritor sugeriu em seu "Dias e Noites de Amor e de Guerra" (1978), ao escrever: "Quando as palavras não são tão dignas quanto o silêncio, é melhor calar e esperar". A maior maratona

teatral deste país vai tirar suas próprias conclusões sobre o autor, desta noite até sábado, nas duas apresentações, no Teatro Sesc da Esquina, da peça encenada sob a direção de Marco André Nunes, centrada na adaptação de Galeano feita por Carolina Lavigne e Pedro Kosovski.

É um trabalho radical na história do grupo Aquela Cia. Em cena estão Carolina Virguez, Matheus Macena e Rafael Bacelar, embalados pela música de Felipe Storino, em fricção sob a direção de movimento de Márcia Rubin. A meta é investigar o que Galeano escreveu em seu best-seller, "As Veias Abertas da América Latina", inventário das feridas narcísicas de nosotros y nuestros hermanos, editado em 1971. Nunes explica ao Correio da Manhã o recorte que a dramaturgia seguiu:

"É duro o livro. O próprio Galeano achava um livro duro, mas muito revelador. É um ensaio sociológico que fala da dependência econômica e da exploração das riquezas da América Latina pela Europa, pelos Estados Unidos. Vai desde a primeira invasão europeia no continente até, mais recentemente, todas as explorações feitas

pelos americanos. São muitos casos que ele relata de exploração... e de revolta. Isso é uma sucessão, é quase como uma grande repetição de histórias. Quase todas são a mesma coisa: há uma exploração; em algum momento, aquilo gera revolta; aquela revolta é abafada, destruída, exterminada; e segue o período de exploração... e assim vamos. Ele divide em ciclos. O ciclo de exploração do açúcar, do ouro, do algodão, do café, da borracha, da banana. E foi justamente (o ciclo d) a banana que eu, o Pedro, Kosovski e a Carolina Lavigne, junto com os atores, escolhemos como um caso específico. Ele contém toda essa repetição que nos assola durante tantos séculos", explica o encenador.

"Veias Abertas 60 30 15 Seg" narra a história de um casal, um militar e um funcionário da United Fruit, que se conhece em aulas de dança e decide se casar. O casamento coincide com o Massacre das Bananeiras, em 1928, na Colômbia, quando o Exército reprime uma greve, matando mais de 2 mil trabalhadores. A trama se desenrola em 80 quadros curtos, que variam entre 15 e 60 segundos. Máscaras tradicionais, figu-

ros típicos e músicas populares da América Latina compõem a cena. O ritmo fragmentado reflete os modos contemporâneos de consumir informação e (por vezes) diluir memórias.

"O 'Veias Abertas' vem dentro de um projeto de continuidade do grupo que eu fundei junto com o Marco André Nunes, o Aquela Cia., e essa peça celebra nossos 20 anos", diz Kosovski ao Correio. "Depois de uma longa trajetória, pensando a questão da memória, da história do Rio de Janeiro, nós resolvemos dilatar e ampliar essa pesquisa artística para a história da América Latina. Então partimos do clássico do Galeano, uma obra de não-ficção, jornalística, que foi um hit dos anos 1970, sobretudo na esquerda engajada. Partimos de uma afirmação do Galeano sobre o livro, feita 40 anos depois de sua publicação, quando ele disse numa entrevista que se voltasse a ler o 'Veias Abertas', cairia desmaiado e acabaria num pronto-socorro. Essa prosa da esquerda tradicional é pesadíssima. E aí, de algum modo, o próprio Galeano renega a leitura de seu texto mais icônico e dá uma virada. Passa a escrever não com linguagem argumentativa, mas com uma linguagem mais poética, mais metafórica, com textos curtos. A gente parte desse momento para poder entrar em sua obra".

Um dos artistas mais prolíficos do teatro carioca da atualidade, Kosovski estará presente no desfecho do Festival de Curitiba, neste fim de semana, com "Mulher Em Fuga", adaptação de escritos do francês Édouard Louis. Segundo o dramaturgo, transpor para o palco as "Veias Abertas" de Galeano é pensar uma releitura de um clássico e de tudo que ele propõe acerca do nosso histórico de colonização.

"A força de rebelião está pausada no corpo. Então, acho que é essa a leitura que a gente tenta trazer, de forma contemporânea. É pensar, de algum modo, o corpo como esse lugar de alvo... de alvo exploração... mas, ao mesmo tempo, também de meio de luta de emancipação e de libertação", explica Kosovski. "É o único meio".

"Mulher Fuga", que será apresentado no Guairinha, tem direção de Inez Viana e conta com Malu Galli e Tiago Martelli em cena. A versão de Kosovski acompanha Monique, mãe de Édouard Louis, em diferentes momentos de sua vida: os casamentos marcados pela violência, a criação solitária dos filhos, a reconstrução de sua trajetória e, por fim, a busca por uma vida independente. Ao narrar a libertação dela, o autor transforma uma história íntima em um gesto político, revelando as estruturas sociais que silenciam e subjugam mulheres.

O Festival de Curitiba termina neste domingo.

CRÍTICA TEATRO | OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O apagamento histórico dos pintores Arthur e João Timótheo da Costa é o tema central do edificante espetáculo. O texto de Cláudia Valli é bem engendrado, dando margens à possibilidades criativas. A dramaturga inclina-se pela trajetória desses artistas formidáveis, criando uma espécie de alter ego, pelo qual investiga-se a melancólica passagem desses irmãos pintores impressionistas no início do século XX. Os artifícios foram banidos da cultura preta nacional através do racismo estrutural que perdura até hoje.

Uma estrutura dinâmica fabula a narrativa, enquanto a própria autora constrói poeticamente e discorre sobre os acontecimentos. Os irmãos terminam internados no hospital psiquiátrico sob a direção do Dr. Juliano Moreira, psiquiatra humanista e avesso à teorias racistas.

Luiz Antonio Pilar, conduz com talento e sagacidade todas as funções que perpassam seu espetáculo, gerando um dos melhores da temporada carioca. Marcas fluidas que dão movimento, criando cenas memoráveis com suspensões de tirar o fôlego, emociona e coloca seu elenco num diapasão pouco visto. A encenação impõe uma teatralidade, pela qual somos seduzidos todo o tempo. Numa estética irretocável, o diretor potencializa o drama e investe em detalhes mi-



Kessis Sena/Divulgação

Musical dirigido por Luiz Antonio Pilar resgata a trajetória de pintores precursores do Modernismo Brasileiro que foram esquecidos pela Semana de 22

Pintura de Pilar

nuciosos, como um Rembrandt, que influenciou futuramente os impressionistas.

Os atores Jeniffer Dias, Luciano Quirino e Pablo Áscoli estão atentos ao jogo, nada é desper-

diçado. Todos em perfeita sinergia, com destaque para Sérgio Kauffmann, que filigrana seu Arthur com extrema sensibilidade, imbuído em voltagens díspares, nas quais percebe-se a destreza

de seu talento. A cena em que a personagem está hospitalizada é primorosa, onde o intérprete esvazia-se, em acertadas pausas dramáticas. Lucas Da Purificação desenha com propriedade seus

papéis, com pitadas de humor em ótima expressão vocal.

As telas transparentes da cenografia de Cachalote Mattos deslizam pelo palco, viabilizando projeções deslumbrantes, além de propiciar a incidência da luz barroca de Daniela Sanchez, que estabelece uma profusão de luz e sombra, favorecendo a dramatização. Rute Alves opta por uma sofisticação em apresentar uma indumentária fidedigna do século passado, mesclando figurino atual. A direção musical com composições originais de Muato é a pincelada final para que o quadro de Pilar pudesse ser exposto. Há uma criatividade potente nas letras, equalização nos vocais, proporcionando mais beleza e encantamento.

“Os Irmãos Timótheo da Costa” é mais uma vez um grito que precisamos registrar para que, urgentemente, nenhum ser humano venha a ser repudiado pela tonalidade da sua pele. A abolição da escravatura no Brasil ocorreu em 13 de maio de 1888, mas ainda há uma parcela (humana?) que insiste em valorizar preconceitos fabricados por almas que, naturalmente, não terão tintas suficientes para colorir o seu próprio quadro da felicidade.

SERVIÇO

Teatro I do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)
Até 19/4, quinta a sábado e segundas (19h) | domingos (18h).
| Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Peter Wrede/Divulgação



Ripley, o infiltrado

Hugo Bonèmer protagoniza a versão brasileira de “O Talentoso Ripley” em cartaz no Teatro Glauco Gill até 27 de abril. Na trama, Tom Ripley é um jovem invisível em Nova York que se infiltra no cotidiano luxuoso de Richard Greenleaf, vendo na fortuna da família a chave para a vida que sempre desejou. A adaptação teatral é de Phyllis Nagy, baseada no romance clássico de Patricia Highsmith, que também recebeu versão para o cinema estrelada por Matt Damon e Jude Law, que recebeu cinco indicações ao Oscar em 2000.

Carolina Calcavecchia/Divulgação



Esperando Hamlet

O solo “Duvido”, em cartaz até domingo (12) no Teatro Municipal Café Pequeno, reflete sobre insegurança em um mundo que valoriza confiança e determinação. Na trama, uma atriz aguarda Hamlet enquanto o palco se transforma em aeroporto, casa e pensamento. Entre malas, voos e dúvidas, a peça percorre histórias de infância, maternidade, amor, medo, luto e desejo, costurando textos de Shakespeare com temas atuais. Em diálogo com o público, a personagem cria um jogo entre hesitação e certeza, entre o ensaiado e o vivido.

Vida Fodona/Divulgação



Tempo e transformação

Hortência volta à cidade natal em busca do que ficou suspenso. Hélio, que nunca partiu, é dono de uma rádio local. Este é o fio narrativo de “Temporal”, em cartaz no Teatro Poeirinha. Entre movimento e permanência, os dois personagens revelam modos distintos de existir enquanto a cidade aguarda um temporal. Passado, presente e futuro se sobrepõem num drama sobre vínculos, tempo e transformação. Idelaização e atuação de Giovanna Nader e Vito Fragoso, da Cia do Agora, e direção de Marco André Nunes. Até 26/4.

vemviver + turismo

Viajar tem gostinho de quero mais e é para todos.

O turismo aqui também é social e, por isso, o Sesc RJ oferece passeios e excursões para conhecer o Brasil de forma acessível.

Para relaxar e degustar novas experiências, temos hotéis, bistrôs, restaurantes, lanchonetes e cafés incríveis, na serra ou na praia, com conforto e sabores para toda a família. Melhor do que viajar, só viajar de novo.

Vem viver o Sesc RJ.



VEM SABER +



sescrj.org.br/turismo

portalsescrj @sescrj sescrj

sesc

A maior marca
de bem-estar
social do RJ



Festival encerra sua programação tendo encontro de Fernanda Abreu com o coletivo britânico Soul II Soul entre seus destaques



Soul II Soul

AFFONSO NUNES

O Queremos! Festival chega ao seu segundo fim de semana a partir desta sexta-feira (10) com a estreia brasileira de Greentea Peng no Circo Voador. A cantora britânica apresenta “Tell Dem It’s Sunny” (2025), álbum que funde neo-soul, dub, jazz e psicodelia, com singles como “Tardis (hardest)”, “One Foot” e “Green”. Ata Kak abre a noite com seu repertório híbrido que mistura eletrônica, hiplife e experimentação vocal, trazendo desde seu cultuado “Obaa Sima” (1994) até composições inéditas desenvolvidas em Kumasi, Gana.

No sábado (11), a sétima edição da plataforma de música ao vivo ocupa o Circuito Vivo Rio em dois palcos — um interno e outro na varanda externa — reunindo sete artistas em programação de protagonismo feminino e forte presença de pista.

O destaque é a apresentação do Soul II Soul, coletivo britânico que desde o fim dos anos 1980 define referências globais de R&B e soul. A banda divide espaço com Fernanda Abreu, que faz a estreia nacional de “Da Lata 30 Anos”, projeto que revisita o álbum homônimo de 1994 — trabalho que redefiniu a música pop brasileira ao articular funk carioca, samba, hip hop e música eletrônica. O disco foi coproduzido com Will Mowat, integrante do Soul II Soul. maior conexão, impossível.

Gaby Amarantos estreia no Rio o show “Rock Doido”, combinando tecnobrega, pop e identidade amazônica. Céu revisita seu álbum de estreia, reafirmando a atualidade de sua obra na música brasileira contemporânea. Melly

QUEREMOS diversidade!



Fernanda Abreu



Céu



Greentea Peng



Jonathan Ferr

encerra o ciclo de “Amarríssima” com presença cênica intensa e musicalidade afro-brasileira.

O projeto “Urban Jazz, o Baile!”, conduzido pelo pianista Jonathan Ferr, precursor do urban jazz no país, apresenta dois sets intercalados mesclando jazz, hip hop e eletrônico. Ferr retoma a estética que consagrou sua carreira em apresentações pelo Brasil, Europa, América do Sul e EUA. Jayda G, produtora e DJ canadense, fecha a programação com seu house expansivo que incorpora disco, soul e novas produções, transformando cada set em experiência coletiva de pista.

O festival consolida sua atuação como uma das principais plataformas de música ao vivo realizadas na cidade, equilibrando apostas em artistas em desenvolvimento com nomes de relevância global, oferecendo ao público experiências musicais memoráveis.

SERVIÇO

QUEREMOS! FESTIVAL 2026
10/4, a partir das 20h: Ata Kak e Greentea Peng. Circo Voador (Rua dos Arcos s/n° — Lapa). Ingressos a partir de R\$ 150
11/5, a partir das 17h: Soul II Soul, Fernanda Abreu, Jayda G, Gaby Amarantos, Céu, Melly, Jonathan Ferr. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 75 e 85 — Parque do Flamengo) Ingressos a partir de R\$ 180

Ivan Lins, 80

Cantor e compositor celebra aniversário com repertório que vai de seus maiores clássicos a inéditas

AFFONSO NUNES

E Ivan Lins acaba de adentrar ao time dos oitenta da MPB. E chega às oito décadas de vida carregado de histórias com show no Qualistage neste sábado (11), apresentando um roteiro que percorre cinco décadas de carreira através de blocos temáticos que revelam as diferentes facetas de sua obra.

Começou cedo. Autodidata do piano, desenvolveu uma maneira pessoal de abordar o instrumento. Em 1970, conquistou a plateia do 5º Festival Internacional da Can-



Ivan Lins

ção com a potente “O Amor é o Meu País”, parceria com Ronaldo Monteiro de Souza, que ficou em segundo lugar. Na mesma época, sua “Madalena” estourava na voz de Elis Regina, marcando o início de uma trajetória de sucessos que até hoje o Brasil canta.

Entre os anos 1970 e 2000, em parceria com Vítor Martins, criou sucessos como “Abre-alas”, “Somos Todos Iguais Esta Noite”, “Come-

çar de Novo” e “Aos Nossos Filhos”. Seu rico vocabulário melódico ganhou o mundo através do produtor estadunidense Quincy Jones, levando Ivan a ter suas canções gravadas por George Benson, Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Barbra Streisand, Sting e Jorge Drexler. No Brasil, intérpretes como Elis Regina, Gal Costa, Fafá de Belém e Zizi Possi perpetuaram suas canções, enquanto trilhas de novelas

Cidade Negra está de volta

Toni Garrido e Bino Farias retomam grupo em turnê comemorativa dos 30 anos do álbum ‘Sobre Todas as Forças’

Após quase seis anos de inatividade, o Cidade Negra volta aos palcos com a turnê “De Agora em Diante”, marcando o retorno do grupo agora liderado pelo vocalista Toni Garrido e pelo baixista Bino Farias. A apresentação na Fundação Progresso, neste sábado (11), abre a série de shows que percorrerá 11 cidades brasileiras. A turnê celebra os 30 anos do álbum “Sobre Todas as Forças” (1995), trabalho fundamental na consolidação de um reggae com sotaque e temática brasileira.

O retorno acontece após um período conturbado que marcou a história da banda. Em 2022, o Cidade Negra enfrentou um racha público

envolvendo seus integrantes originais. Toni Garrido e Bino Farias tiveram desavenças pessoais com o baterista Lazão e o guitarrista Da Ghama. A disputa também envolveu questões legais sobre a propriedade da marca “Cidade Negra” — Toni Garrido registrou o nome no Instituto Nacional da Propriedade Industrial em 2018, enquanto Da Ghama tentou fazer o mesmo em 2019, sendo indeferido. Lazão e Da Ghama formaram posteriormente o projeto Originais Cidade Negra.

Durante esses anos de afastamento, Toni Garrido e Bino Farias mantiveram a marca registrada e agora retomam a atividade como dupla. Em entrevista recente à Rol-



Toni Garrido e Bino Farias são os detentores da marca Cidade Negra

ling Stone Brasil, Toni Garrido afirmou: “O Cidade Negra ficou quase seis anos com pouca atividade, mas nunca acabou”.

A turnê “De Agora em Diante” promete um repertório que combina clássicos como “Girassol”, “Sobre Todas as Forças” e “Firmamento” com músicas inéditas e releituras. “De agora em diante, o futuro tem batida, tem poesia, tem verdade”,

levavam seu trabalho a milhões de pessoas.

O show de aniversário organiza-se em blocos temáticos. O lado romântico aparece em “Iluminados” e “Ai Ai Ai Ai Ai”. Relacionamentos conturbados trazem “Saindo de mim” e “A Noite”. Questões políticas e sociais ganham espaço com a inédita “Meninos de Gaza”, parceria com Simone Guimarães, ao lado de “Aos Nossos Filhos” e “Cartomante”.

Um bloco dedicado a canções regionais homenageia Vítor Martins, parceiro que apresentou a Ivan o universo do interior paulista. “Guarda nos Olhos” e “Bandeira do Divino” integram essa seção, acompanhadas pela recente “Olhos pra te ver”, gravada por Milton Nascimento e Chitãozinho & Xororó. Sambas de parcerias com Paulo César Pinheiro, Celso Viáfara e Chico Buarque completam o repertório, incluindo “Porta Entreaberta”, “Emoldurada” e “Sou eu”, sucesso na voz de Diogo Nogueira.

A direção é do ator e cantor Claudio Lins, filho de Ivan, que aposta em sua trajetória entre teatro e música para criar “uma narrativa de contextos musicais calcada na relação afetiva com a obra dele”, conforme explicou. A produção conta com João Lins, empresário e também filho de Ivan, e Carlos Costa. Ivan assina a direção musical com contribuição dos músicos de sua banda.

SERVIÇO

IVAN LINS 80 ANOS

11/4, às 21h30

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca)
Ingressos a partir de R\$ 90



Jesse Harris

O lado instrumental de Jesse Harris no Manouche

O compositor estadunidense Jesse Harris apresenta nesta sexta-feira (10) no Manouche o concerto “If You Believed In Me”, seu primeiro álbum totalmente orquestral lançado em novembro. O show reúne quarteto de cordas, teclados do compositor brasileiro Maycon Ananias e baixo de Frederico Heliodoro.

Harris é conhecido internacionalmente como compositor de “Don’t Know Why”, canção que venceu Grammy em 2003 na voz de Norah Jones. Novaiorquino, o músico construiu carreira como intérprete e compositor, lançando mais de 20 álbuns solo. Suas composições foram gravadas por artistas como Willie Nelson, Emmylou Harris, Cat Power, Madeleine Peyroux e Melody Gardot.

No Brasil, Harris consolidou presença significativa. Gravou o álbum “Sub Rosa” (Som Livre) em 2012 com banda que reuniu Dadi (baixo), Maycon Ananias (teclados e arranjos) e Guilherme Monteiro (guitarra). Colaborou também com a cantora Maria Gadú na canção “Like A Rose”.

“If You Believed In Me” marca mudança artística. O álbum começou quando Maycon Ananias ofereceu tempo de estúdio com orquestra estoniana. A primeira faixa gravada, “Dolores”, abriu possibilidades que Harris nunca havia explorado — a fusão entre sua linguagem de canção e linguagem orquestral. O resultado é trabalho que mantém a intimidade característica de Harris enquanto expande sua paleta sonora.

O show inclui “Don’t Know Why” e novas composições que dialogam com a estrutura orquestral. A proposta é apresentar a obra em contexto de câmara, onde arranjos ganham protagonismo e a relação entre voz, cordas e instrumentos se torna central. Maycon Ananias, que produziu e arranjou o álbum, toca ao vivo, replicando a experiência de estúdio. (A.N.)

SERVIÇO

JESSE HARRIS — IF YOU BELIEVED IN ME

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — Jardim Botânico) | 10/4, às 21h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível para o Retiro dos Artistas)

afirma Garrido.

A turnê percorrerá São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Guarapari, Salvador, Recife, Fortaleza, Goiânia e Brasília. (A.N.)

SERVIÇO

CIDADE NEGRA — DE AGORA EM DIANTE

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, Lapa)
11/4, às 23h
Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

Divulgação

CINEMA

OPEN AIR BRASIL

*Evento cinéfilo com a maior tela de projeção do mundo exibe nesta sexta (10) "Uma Batalha Após a Outra" (20). No sábado (11), "Bob Esponja - Em Busca da Calça Quadrada" (18h) e "Maya and the Wave" (21h50). Até 11/4, Jockey Club Brasileiro (Praça Santos Dumont, 31). Ingressos: Symppla

SHOW

VICTOR BIGLIONE

*O guitarrista apresenta o álbum "Nos Tempos do Jacarandá", dedicado à obra de Luiz Bonfá. Dom (12), às 18h30. Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo). Entre R\$ 55 e R\$ 120

BRAZA

*O grupo apresenta show da turnê "Baile Cítrico Utrópico Solar", que dá nome ao seu álbum mais recente. O disco tem forte influências do reggae jamaicano e suas vertentes. Sáb (11), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

MARCELO MARIANO

*o Baixista, produtor musical e compositor apresenta show que percorre sua trajetória, reunindo recortes de mais de 40 anos de atuação com repertório que circula entre pop, jazz, soul, funk e MPB. Sáb (11), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

DOMENICO BOTELHO

*O músico apresenta seu projeto autoral, síntese de vivências musicais e acadêmicas que reúne jazz contemporâneo, MPB e elementos da world music. Sáb (11), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 - Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ALCIDES SODRÉ

*O cantor apresenta o show "Leva-me Contigo - Tributo a Agostinho dos Santos", homenagem ao cantor que gravou a trilha sonora do filme "Orfeu da Cinzeição". Dom (12), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 35 - Copacabana). R\$ 70

FEIJOADA DO RIVAL

*Ito Melodia comanda roda de samba regada a feijoada e recebe como convidados os cantores Bea, Jonnata Lima e Leandro Pereira. Dom (12), a partir das 13h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 70



'Uma Batalha Após a Outra'

Divulgação



Ito Melodia



Caminho de Casa

Divulgação

TEATRO

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

*Montagem questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e grátis (PCG)

OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

*A trajetória de modernistas esquecidos na Semana de 22. Até 19/4, qui, sex, sáb e seg (19h) | dom (18h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A.M.I.G.A.S

*A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria cria a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

*Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu ao nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

FERA

*Reflexão sobre a vulnerabilidade humana diante da natureza a partir de um episódio real vivido pela filósofa Val Plumwood. Até 22/4, ter e qua (20h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O HOMEM DECOMPOSTO

*Texto do dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento. Até 29/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TIM MAIA, VALE TUDO

*Montagem renovada do musical no ano em que se completam 28 anos da morte do rei do soul. Até 12/4, sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (19h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 A, Leblon). A partir de R\$ 75

OS OLHOS DE NARA LEÃO

*Zezé Polessa dá vida à cantora e compositora, um dos nomes incontornáveis da MPB neste musical com direção de Migual Falabella. Até 26/4, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 60 e R\$ 160

AFFONSO NUNES

Figura central da cena underground, a cantora e pianista Cida Moreira leva, nesta sexta e sábado (10 e 11), ao palco do Teatro Rival Petrobras o show “Me acalmo danando – A música de Angela Ro Ro”, um tributo à compositora que faleceu em setembro de 2025 aos 75 anos, após complicações de um procedimento cirúrgico.

Ro Ro foi uma das principais vozes da música brasileira, pioneira na abordagem do amor lésbico na canção popular. Sua carreira foi marcada por sucessos como “Amor, Meu Grande Amor”, “Compasso”, “Fogueira” e “Tola Foi Você” — todas presentes no repertório do show de Cida, conhecida não só por seu talento ao piano, mas também por suas interpretações de enorme carga cênica.

Cida e Angela tinham muito em comum. A ligação entre as duas remonta a 1979. As duas se apresentaram juntas inúmeras vezes ao longo dos anos, em shows que percorreram o Brasil. Cida acompanhou Angela desde o primeiro show da artista carioca em São Paulo, estabelecendo uma cumplicidade que se alimentava tanto das semelhanças quanto das diferenças entre duas mulheres que dominam piano e voz com personalidade arrebatadora.

Um concerto para Angela

Cida Moreira homenageia a amiga Angela Ro Ro em show intimista no Rival Petrobras nesta sexta e sábado



Cida Moreira acompanhou Angela Ro Ro quando a artista carioca se apresentou pela primeira vez em São Paulo e daí nasceu uma relação de amizade que durou décadas

Divulgação

Durante os meses em que Angela esteve hospitalizada, amigos próximos sugeriram a Cida que preparasse um repertório dedicado à obra da compositora. “Foi uma cumplicidade mágica, que me alimenta e traz um prazer poderoso”, declara Cida sobre a relação artística e pessoal com Angela. “Vou me sentar diante de um piano para tocar as belezas que ela criou e cantar com paixão as canções tão lindas que escreveu. Serei sua cantora, sua cúmplice, sua aprendiz”, completa.

Aos 73 anos e com quase cinco décadas de carreira marcada pela intensidade cênica e pela fusão entre performance teatral e música, Cida iniciou sua carreira profissional em 1977 justamente no teatro, atuando em “A Farsa da Noiva Bombardeada”, de Alcides Nogueira, com direção de Marcio Aurélio. Essa origem cênica nunca abandonou suas apresentações musicais. Conhecida por interpretações dramáticas e performáticas que fazem de cada show uma experiência única, Cida construiu uma trajetória singular na cena underground paulistana, onde é considerada figura icônica.

SERVIÇO

CIDA MOREIRA — ME ACALMO DANANDO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 — Cinelândia) 10 e 11/4, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 50

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Jazz, samba e axé com Ifátókí Maíra Freitas

A série Concertos de Eva abre sua programação 2026 neste sábado (11), às 17h, com show da pianista, cantora e compositora Ifátókí Maíra Freitas. Filha de Martinho da Vila, a artista desenvolveu linguagem autoral que une piano, jazz e samba, mesclando axé, ancestralidade e invenção. No repertório, composições próprias e temas de Villa-Lobos, Nana Caymmi, Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e Jacob do Bandolim.



Divulgação

Criações de Villa-Lobos revisitadas

O Quarteto Atlas apresenta três dos 17 quartetos de cordas de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) nesta sexta-feira (10), às 19h, no Espaço Cultural BNDES, com entrada gratuita. A apresentação percorre a trajetória criativa do compositor através do primeiro quarteto, marcado pela leveza juvenil, do quinto, de cunho nacionalista, e do décimo sétimo, exuberante e dramático. O Atlas reúne músicos das principais orquestras sinfônicas do Rio.



Divulgação

Passeando pelas trilhas de Woody Allen

O saxofonista, flautista e clarinetista Dado Magnelli apresenta neste domingo, às 19h, no Blue Note Rio, um espetáculo que homenageia o refinado gosto musical do cineasta Woody Allen. O show reúne clássicos do jazz e da música italiana, francesa e brasileira. Durante a apresentação, o artista faz referências às músicas, aos filmes em que foram utilizadas e à visão de mundo do diretor.



Divulgação

Choros e salsas por Zé Paulo Becker

O violonista Zé Paulo Becker apresenta neste sábado, às 21h, no Little Club (Beco das Garrafas), show instrumental com faixas de seu novo álbum “Choro Y Salsa” e arranjos sofisticados de clássicos da MPB como “Feira De Mangaio”, de Sivuca, e “Berimbau”, de Baden Powell e Vinícius de Moraes. Acompanhado por seu quarteto, Zé Paulo explora improviso e brasilidade.



Rodrigo Lopes/Divulgação

Palmas à vista...

com Brasil só n'Um Certo Olhar'



Contrariando a avassaladora participação nacional em 2025, a seleção de Cannes deste ano, ainda incompleta, deixa a América do Sul para sessões paralelas e ataca de medalhões

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não será desta vez que o Brasil concorrerá à Palma de Ouro... pelo menos não por enquanto... a julgar pelo cardápio escalado para desfilhar pela competição oficial do Festival de Cannes, em sua 79ª edição, com direito a ganhadores de Oscar: o espanhol Pedro Almodóvar, o húngaro Lazlo Nemes, o polonês Pawel Pawlikowski, o japonês Ryūsuke Hamaguchi e o francês Arthur Harari. Essa turma está de volta à disputa por prêmios da Croisette, de 12 a 23 de maio, assim que “La Venus Électrique”, de Pierre Salvadori, inaugurar os trabalhos, numa projeção hors-concours.

Há uma esquadra feminina forte para brigar pelas láureas que o júri, a ser presidido pelo realizador sul-coreano Park Chan-wook (de “OldBoy”), vai entregar, entre elas: Lea Mysiuk, Marie Kreutzer, Valeska Grisebach, Charline Bourgeois-Taquet e Jeanne Herry. Só não tem um “O Agente Secreto” para nos dar alegria (e troféus), como se viu em 2025, ainda que títulos inéditos de Maya Da-Rin e de Carolina Jabor



‘Elefantes na Névoa’ se passa num vilarejo do Nepal, terra natal de seu diretor, mas tem o Brasil entre suas produtoras



Aitana Sánchez-Gijón e Leonardo Sbaraglia em ‘Natal Amargo’ (Amarga Navidad), de Pedro Almodóvar



El Ser Querido conta com Javier Bardem para ampliar a esquadra espanhola na Croisette

ainda possam ser escalados, mais adiante. Desta vez, a brasilidade que já se impõe vem da presença das produtoras Bubbles Project (de Tatiana Leite) e Enquadramento Produções (Leonardo Mecchi) como parceiras do longa-metragem “Elefantes na Névoa”, do nepalês Abinash Bikram Shah, que concorrerá na seção Un Certain Regard (Um Certo Olhar). A França, a Noruega e a Alemanha são suas coprodutoras também.

O anúncio da massa atual de

competidores – e de atrações de outras seções - foi feito na manhã desta quinta-feira (9) pela presidente do evento, Iris Knobloch, ao lado de seu diretor artístico, Thierry Frémaux. Ele alertou para o fato de as produções apresentadas representarem 95% do que será visto no mês que vem.

Ou seja, ainda tem espaço para novidades, nos dias que se seguem até a segunda semana de maio, o que pode incluir títulos brasileiros

na Quinzena de Cineastas, na Un Certain Regard, na Semana da Crítica e até no concurso oficial.

“O festival foi criado em 1939, um momento de tensão, para defender o que a Humanidade tem de melhor”, explicou Iris. “Filme é uma questão de olhar. Park Chan-wook, o presidente do nosso júri desta edição, prova, com sua obra, que o cinema não tem uma zona de conforto”.

Frémaux ressaltou a força es-

panhola em marcha este ano, com Almodóvar, Rodrigo Sorogoyen (filmando com Javier Bardem) e a dupla Javier Calvo e Javier Ambrossi, que traz Penélope Cruz para o centro de sua narrativa. Thierry mencionou a inclusão de um drama sobre o boom da Aids, chamado “The Man I Love”, do americano Ira Sachs. Seu roteirista é do Rio de Janeiro: Maurício Zacharias.

Ele lembrou ainda que a presença de grandes estúdios de CEP em Hollywood será pequena, mas sazonais presenças do cinemão se farão notar. Outro toque do curador: Andy Garcia está em campo, como diretor, com “Diamond”, brigando por prestígio.

No miolo da Un Certain Regard, além de “Elefantes na Névoa” (que se passa em um vilarejo no Nepal, narrando o dilema de um líder comunitário cuja filha sumiu), tem Chile e tem Costa Rica, representados respectivamente por Manuela Martelli e Valentina Maurel. A abertura dessa seção será feita por “Teenage Sex and Death at Camp Miasma”, de Jane Schoenbrun.

Este ano, duas Palmas de Ouro Honorárias serão entregues. Uma fica com a atriz e cantora Barbra Streisand, um ícone popular, e a outra vai para o cineasta Peter Jackson, como um reconhecimento por seu trabalho na adaptação de “O Senhor dos Anéis”, entre 2001 e 2003, e por sua relação com imagens de arquivo em documentários. Claire Denis, realizadora de produções premiadas como “Com Amor e Fúria” (2022), vai receber a Carroça de Ouro.

Confira a relação completa dos filmes que vão concorrer ao prêmio máximo do festival em <https://lnq.com/be12wu9>.

Alma (e resiliência) no olho

Festival idealizado por Zózimo Bulbul completa 18 anos numa ponte com filmografias de autoralidade africana

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

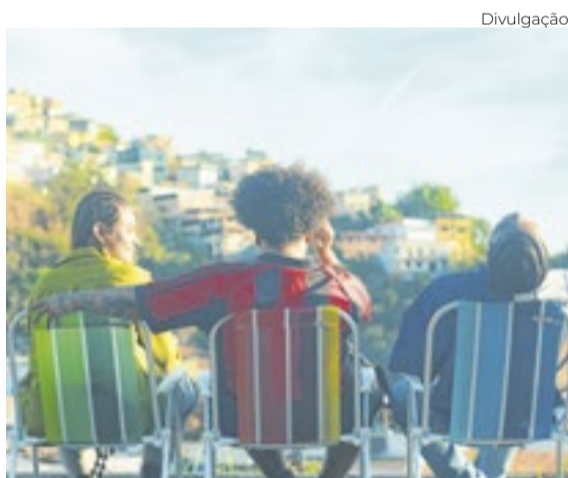
Se nos últimos 17 anos, você não foi a nenhuma edição do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, vá no YouTube e procure por “Alma no Olho”, curta-metragem rodado em 1973 pelo ator, cineasta e ativista da luta decolonial que dá nome ao evento. A experiência estética - e política - que esse filme... atualíssimo... gera transformou Zózimo (nascido em 1937 e morto em 2013) num gigante do patrimônio cinéfilo não só deste país, mas do que ele chamava de cultura “pan-africana”. Até o dia 17 de abril, o conceito que esse artista defendeu sua obra alimenta a 18ª edição de um festival que revelou talentos a granel.

Pavimentada sob a ideia de que o pan-africanismo é um horizonte de união e solidariedade entre africanos do continente e seus descendentes espalhados pelo mundo, essa mostra conecta continentes, fazendo do Cine Odeon um istmo. Laza Razanajatovo, diretor de curadoria do Encontro, reuniu títulos de peso. Ontem passou “Proteção”, de Alberto Senna. A boa da sexta-feira é “Laudelina e a Felicidade Guerreira”, em que a diretora Milena Manfredini confirma (mais uma vez) estar em fase de apogeu criativo ao dirigir ao falar de uma ativista que virou lenda. Seu filme passa às 17h. Às 21h, é a vez de “Dentro Do Meu Peito Rola Um Cão”, de Gabriel Afonso, vindo das Gerais.

Neste sábado, rolam curtas como “Aláfia”, de Cecília Fontenele (às 17h); “Cafuné”, de Igor Correia (às 19h); e “O L É



Zózimo Bulbul (1937-2013) dirigiu e estrelou ‘Alma no Olho’, pilar do pan-africanismo nas telas



‘Dentro Do Meu Peito Mora Um Cão’ é uma das atrações desta sexta no Odeon



Burkina Faso pede passagem com ‘Katanga - La Danse des Scorpions’



Dirigido por Rodrigo França, o curta ‘O Pai da Rainha da Angola’ passou pelo Open Air e chega ao festival



‘Anos 90’, documentário sobre pagode encerra as projeções do evento

de Lésbica”, de Juh Almeida (às 21h). No domingo, às 15h, o Odeon vai projetar “O Pai Da Rainha De Angola”, do dramaturgo, escritor, diretor teatral e cineasta Rodrigo França. Pro-

jetado no 14º AFRIFF (Africa International Film Festival) na Nigéria, o filme é defendido pelo talento de Lucas Oranmian, numa atuação em estado de graça sobre construção de identidades.

Na trama, ele vive Ravi, que decide adotar Thelminha (Dandara Arcebispo), uma menina de sete anos de idade. No processo de adaptação entre pai e filha, Ravi passa a compartilhar fragmen-

tos de sua trajetória, revelando afetos, memórias e aprendizados ligados às batalhas decoloniais. Em resposta, a menina também se revela, apresentando ao pai sua verdadeira identidade: Zuri, a rainha de Angola.

Às 21h deste 12 de março, haverá sessão de “IRA – A Travesti na Escravidão”, de Anuby Messias. Sua narrativa conduz o espectador por uma viagem (trans-)histórica pelo passado colonial e escravocrata brasileiro, entrelaçando memória, corpo e ancestralidade. A partir de seu processo de transição de gênero, Anuby propõe um diálogo profundo sobre o lugar da corporeidade trans... e negra... na sociedade contemporânea.

Segunda-feira, o Encontro exibe títulos do exterior, como “Katanga - La Danse des Scorpions”, de Dani Kouyaté (Burkina Faso), às 13h, e “Une Si Longue Lettre”, de Angèle Diabang Brener (Senegal), às 19h. Na terça, o fecho da programação do Odeon será com o documentário musical “Anos 90: A Explosão do Pagode”, de Emilio Domingos, em sessão às 21h. ídolos populares da canção como Belo, Péricles, Thiaguinho e Ludmilla integram o rol de estrelas analisados pelo cineasta.

O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul deste ano presta um tributo a uma recente imortal da Academia Brasileira de Letras, Ana Maria Gonçalves, consagrada pelo livro “Um Defeito De Cor”, uma travessia literária de ancestralidade. No dia 14 de abril, a escritora participa de uma mesa de debates batizada de “Passagens e Mergulhos”, ao lado e Helena Theodoro e Pai Dário, sob a mediação de Janaína Refém. Além dela, a cineasta Viviane Ferreira (de “Afrolatinas: Mulheres Negras Em Movimento”) também será uma das homenageadas do Encontro. Ela é uma das fundadoras da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN). A realizadora Joyce Prado também está no rol de homenageadas, com sessões de sua filmografia na Casa Brasil (R. Visconde de Itaboraí, 78. Centro), no dia 16.

Na seara dos convidados estrangeiros, o Encontro receberá a presença do diretor maliano Cheick Oumar Sissoko. A direção do evento travou intercâmbio com o MadagascarCourt, um dos festivais de curtas-metragens mais importantes do continente africano. Receberá ainda Tresor Senga, presidente do Mashariki African Film Festival em Ruanda.

Paralelamente ao Odeon, o Encontro realiza atividades na Penha, no Complexo de Favelas da Maré e no Complexo do Alemão, todos na zona Norte do Rio, além do Teatro Municipal Carlos Gomes, da Casa Brasil e do Museu de Arte do Rio (MAR).

CRÍTICA FILME | CINCO TIPOS DE MEDO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Coral de desamparos

Emprega-se o termo “filme-coral” para classificar narrativas feitas de núcleos de personagens distintos - e autônomos - que trombam sob vetores sociais. Por vezes, essa estrutura lembra uma Comédia Humana e se dá como um painel... onde tudo é horizontalizado... sem hierarquia de personagem, como “Short Cuts” (1993), de Robert Altman (1925-2006) e o brasileiríssimo “Amarelo Manga” (2002), de Cláudio Assis. Às vezes, a fricção é mais segmentada, criando, numa dinâmica naturalista, a distinção entre ambientes (territórios) onde protagonistas e coadjuvantes operam, tipo “Babel” (2006) e “Crash – No Limite” (2005).

Uma combinação harmônica entre esses dois extremos se fez consagrar com “Amores Brutos” (2000), um dos pilares Nova Onda do Cinema Latino, jogando a produção autoral do México numa nova ribalta. “Cinco Tipos De Medo”, que estreia agora, coroado com o Kikito de Melhor Longa-



Divulgação

-Metragem no Festival de Gramado de 2025, posiciona-se mais próximo da herança desse cult mexicano, mas exulta brasilidade em sua triagem dos desamparos sociais de nossa pátria.

Convulsivo do início ao fim, esse thriller do Mato Grosso se alinha, na forma, com a genealogia do cinema de ação à la Charles Bron-

Tom Waits, o Peréio da canção americana, atua como um pai malandro no longa ganhador do Leão de Ouro de 2025

son, atualizado nas pérolas com Jason Statham e Liam Nesson que hoje passam no “Domingo Maior”.

Esse alinhamento vem não apenas pelo teor de adrenalina nas

sequências de tiroteio e de luta desenhadas na direção de Bruno Bini - também responsável por montar e roteirizar o longa -, mas também pela construção de uma persona vilã como raro se vê em nossos longas mais violentos: o traficante Sapinho. O nome bilú teteia não deve te enganar: a atuação devastadora do rapper Xamã faz dele um

bicho-solto de dar medo. Não por acaso, ele levou um merecidíssimo Kikito de Ator Coadjuvante. O cabra assusta.

Sapinho é um câncer social que se espalha como metástase por uma Cuiabá com as mesmas feridas de outras cidades do país. Num de seus bairros, Murilo, um violinista enlutado após a covid (interpretado por João Vitor Silva), envolve-se com a enfermeira Marlene (Bella Campos), que vive presa a um relacionamento abusivo com Sapinho. O bandidão há de macular ainda o caminho da policial Luciana (Bárbara Colen) - hoje em cruzada de justiça - e do advogado Ivan, que (graças à sutileza do sempre eficaz Rui Ricardo Dias) é a figura mais ambígua na tela.

Essas cinco pessoas vão colidir num caminho sem volta, numa cartografia de ações e reações enquadrada de modo dionisíaco na direção de fotografia de Ulisses Malta Jr. Gramado foi ao delírio com o encaixe azeitado de cada peça do roteiro (também premiado por lá) de Bini, que se comporta como um panóptico - estrutura de observação em 360° da sociedade -, como só se via “Amnésia”, de Christopher Nolan, de 2000 -, capaz de revisar cada sequência anterior sob novos e reveladores prismas.

CRÍTICA FILME | PAI, MÃE, IRMÃ IRMÃO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Estética ‘Toca Raul’ num álbum de família

Em momentos distintos, mas sempre bem-vindos de “Father Mother Sister Brother”, a vizinha melada de Dusty Springfield (1939-1999), em “Spooky”, toma a gente de assalto nos versos “In the cool of the Evening/ When everything is gettin’ kind of groovy/ You call me up and ask me:/ ‘Would I like to go with you and see a movie?’”. O tônus cool que configurou a obra do diretor estadunidense Jim Jarmusch desde sua gênese - com “Permanent Vacation”, em 1980 - está posta e poetizada na estrofe acima.

O cinema é o que acontece quando o barato da vida passa a ser um

protocolo. Essa é a égide a partir do qual o cineasta, hoje com 73 anos, cunhou ensaios existencialistas como “Flores Partidas” (vencedor do Grande Prêmio do Júri de Cannes, em 2005) e “Paterson” (2016).

Espécie de Maluco Beleza numa constelação autoral de cineastas consagrados nos anos 1980 que... ou se aperaram ao realismo (John Hughes, Rob Reiner) ou migraram para a espetacularização retórica (Oliver Stone) ou flanaram pela fantasia (John Carpenter) ... Jarmusch criou uma estética “Toca Raul”. Com ela fala até de violência (“Ghost Dog”), mas nunca perde



Vague Notion Atsushi Nishijima

Tom Waits, o Peréio da canção americana, atua como um pai malandro no longa ganhador do Leão de Ouro de 2025

o interesse em driblar aquela velha opinião formada sobre tudo... sobre o que é o amor... sobre quem é. Seu novo filme ganhou o Leão de Ouro de Veneza num gesto de consagração dessa mirada lírica.

Traduzido literalmente aqui como “Pai Mãe Irmã Irmão”, seu novo filme é um delicadíssimo diorama das agruras da convivência familiar. A narrativa estrutura-se em três segmentos que se encaixam pelo afeto... ainda que seja uma afetuosidade torta. Jarmusch usa sua

recorrente estrutura de falatórios incontinentes. Fala-se pelos cotovelos em cena, mas há sutilezas. Elas aparecem quando o viúvo vivido pelo Paulo César Peréio da canção americana, o bardo Tom Waits, busca subterfúgio para disfarçar dos filhos (Mayim Bialik e Adam Driver) seu Rolex.

Na delicada montagem, assinada pelo paulistano Affonso Gonçalves, vemos algo de sutil no que está no subtexto das conversas entre as mulheres (a matriarca vivida pela

diva Charlotte Rampling e as filhotas Cate Blanchett e Vicky Krieps) de um clã de Dublin. Um relógio pinta por ali também. Também se vê algo de sutil na forma como os manos Skye (Indya Moore) e Billy (Luka Sabbat) inventariam memórias e pertences de seus finados pais... incluindo um Rolex.

É a metáfora do Tempo como claustro e como produto, dois substantivos que Jarmusch refuta com sua marota forma de banalizar convenções.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Divulgação

A Rua Alzira Brandão, símbolo do espírito da Copa nas ruas

Cadê as ruas pintadas para a Copa do Mundo?

ÀS VÉSPERAS DE MAIS UMA COPA DO MUNDO, o Rio de Janeiro parece não perceber. Quem caminha por suas ruas já não encontra o que, por décadas, foi o mais fiel anúncio de que o futebol estava prestes a tomar conta do país: ruas enfeitadas, murros pintados, bandeirinhas cruzando o céu. Era ali, muito antes da bola rolar, que a Copa começava de verdade - não nos estádios, mas no coração das ruas.

HAVIA UMA LITURGIÀ, QUASE SAGRADA. Dois meses antes, começavam os preparativos. A vaquinha passava de porta em porta, cada um contribuindo como podia - um trocado, um rolo de tinta, um pedaço de plástico. Não era sobre dinheiro. Era sobre pertencimento. Sobre fazer parte de algo maior do que o jogo, maior até do que a própria cidade, pois ali havia alma.

NA MINHA MEMÓRIA, ESSE ALTAR POPULAR se erguia na rua Edmundo Lins, em Copacabana, paralela à Barata Ribeiro, onde cresci. Eu tinha sete anos - idade em que o mundo ainda cabe inteiro dentro de um coração pequeno. E ali, naquele pedaço de rua, o mundo era a Copa.

LEMBRO DAS MADRUGADAS ACESAS. Homens equilibrados em escadas, esticando fios e bandeiras. O cheiro do churrasquinho subindo junto com a fumaça das conversas. As latinhas tilintando discretamente nas mãos dos mais velhos. E nós, crianças, com a missão mais importante de todas: sonhar. Sonhar com gols, com vitórias, com heróis que ainda nem sabíamos o nome, mas que já habitavam a nossa imaginação. Era uma festa sem convite, sem camarote, sem patrocínio. Uma festa de gente. Gente que pintava o próprio chão para receber a seleção, como quem estende um tapete simples, mas carregado de orgulho.

HOUVE UM TEMPO EM QUE ATÉ A PREFEITURA entendia essa poesia e promovia concursos para premiar as ruas mais bonitas. Mas a verdadeira premiação estava ali mesmo: no sorriso coletivo, na obra pronta, na sensação de que aquele pedaço da cidade agora era um estádio a céu aberto, pulsando em unísono.

OUTRO DIA, VI UM COMERCIAL NA TELEVISÃO. Nele, imagens da rua Alzira Brandão, na Tijuca - berço da lendária Turma do Alzirão, desde 1978, um símbolo máximo dessa tradição. Entre 78 e 2018, aquele endereço foi sinônimo de Copa. Ainda que, nos últimos anos, tenha flertado com uma certa "gourmetização", nunca perdeu por completo a alma. Porque a alma, essa, não se compra. Se constrói, dia após dia, no encontro das pessoas.

MAS HOJE... HOJE A CIDADE PARECE DISTRAÍDA. As ruas, nuas. Os murros, silenciosos. Nenhuma bandeira tremulando para anunciar o que se aproxima. Como se a Copa tivesse deixado de ser nossa - ou pior, como se nós tivéssemos deixado de ser dela.

E TALVEZ AINDA DÊ TEMPO DE LEMBRAR. Basta que alguém, em alguma rua esquecida, decida esticar o primeiro barbante, misturar a primeira tinta, reunir os vizinhos outra vez. Porque a Copa não começa no estádio - começa no gesto simples de um povo que escolhe celebrar junto. E, quando esse gesto renasce, ainda que tímido, ele reacende algo antigo e bonito: a certeza de que o Rio, quando quer, transforma qualquer rua em festa. E qualquer festa em memória eterna.



Carlos Monteiro

Às vésperas de seu dia, São Jorge tem um festival com música, gastronomia, cinema e debates

Ogunhê!

Festival criado pelo ator Nando Cunha investe em diferentes artes para celebrar São Jorge

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Força da natureza nas telas, celebrizado como o pai de Buchecha no sucesso "Nosso Sonho", de 2023, o ator Nando Cunha bate cabeça pro Santo Guerreiro faz tempo, realizando, há 19 anos, uma feijoada em homenagem a seu protetor. Este ano, regado pela fé desse operário da arte, o feijão rendeu mais do que se esperava e virou uma maratona cultural, que vai desta sexta (9) até o domingo. Batizado de Primeiro Festival de Jorge, o evento será realizado no Terraço da Vila, no Shopping Boulevard, em Vila Isabel. Tem música (pacas), cinema (do bom!), dança, contação de história, feira artesanal, comida gostosa.

"São Jorge é um santo popular, do povo. Ele é o cara que está sentado no trem com os trabalhadores que acordam cedo. Está nas cozinhas das empregadas. Ele está nos bares com boêmios", explica Nando. "Cultuado e celebrado no mundo inteiro, ele também está nas artes".

Terá samba pra valer no evento, com três dias de batuque. A força cinematográfica "baixa" por lá, no Shopping Boulevard, numa sessão do documentário "Jorge, O Padroeiro Guerreiro", com direção de Emílio Gallo. Produzido por Patrícia Chamon (que morreu no início do ano, deixando um legado de sucessos), o filme analisa o sincretismo em volta do culto ao único santo capaz de unir fiéis de todas as religiões. Gallo faz um estudo delicado sobre tolerância.

"O evento do Nando Cunha traz para esta cidade uma chance

“São Jorge é um santo popular, do povo. Ele é o cara que está sentado no trem com os trabalhadores que acordam cedo. Está nas cozinhas das empregadas. Ele está nos bares com boêmios”

NANDO CUNHA

PROGRAMAÇÃO DO I FESTIVAL DE JORGE

TERRAÇO DO BOULEVARD SHOPPING

(RUA BARÃO DE SÃO FRANCISCO, 236 - VILA ISABEL)

SEXTA (10): Abertura oficial (17h às 17h30h), Roda de conversa (18h às 18h30) com Babalawô Ivanir Dos Santos, Padre Victor Hugo Nascimento e o cineasta Emílio Gallo; Sessão de Filme (18h30 às 19h30): documentário "Jorge, O Padroeiro Guerreiro", de Emílio Gallo. Roda de samba (19h30 às 20h30) com grupo Nova Edição; de 20h às 20h30, tem participação do cantor Toninho Gerais; das 21h às 22h, show do grupo Swing Simpatia.

SÁBADO (11): Apresentação de DJ (15h às 16h20); show de bandas locais convidadas (16h30 às 17h30); roda de samba (18h às 20h), com grupo Nova Edição; e às 20h30, show do grupo Kiloucura

DOMINGO (12): Apresentação de DJ (15h às 16h); roda de samba (16h) com grupo Nova Edição; e das 17h30 às 18h30, show dos cantores Dinny, Cara grossa e Reinaldo; Show (19h às 20h) com o cantor Fab; e das 20h30 às 21h com o cantor Liomar

de celebração de um santo especialmente e tipicamente carioca, que une de forma respeitosa todas classes e as correntes religiosas do Rio, indo das igrejas aos bares, dos templos aos terreiros", diz o documentarista. "Para o cinema, acho que o filme representa um olhar sobre um caminho ainda muito pouco percorrido, mas rico em histórias cativantes de fé e devoção".

A feijoada servida a Jorge por

Nando acontecerá no mesmo local, no dia 23 de abril, data em que se celebra o nobre cavaleiro. "Ogum vence demanda e com sua espada e sua capa encarnada ele ajuda a vencer os desafios de se viver de cultura num país racista e cheio de preconceitos", celebra Nando. "Sigo em frente na fé que ele vai me amparar sempre, mesmo quando a sociedade insiste em dizer não".

Reprodução



'Guernica', quadro pintado por Pablo Picasso em 1937, está no centro de mais uma disputa política entre o País Basco e o governo central espanhol

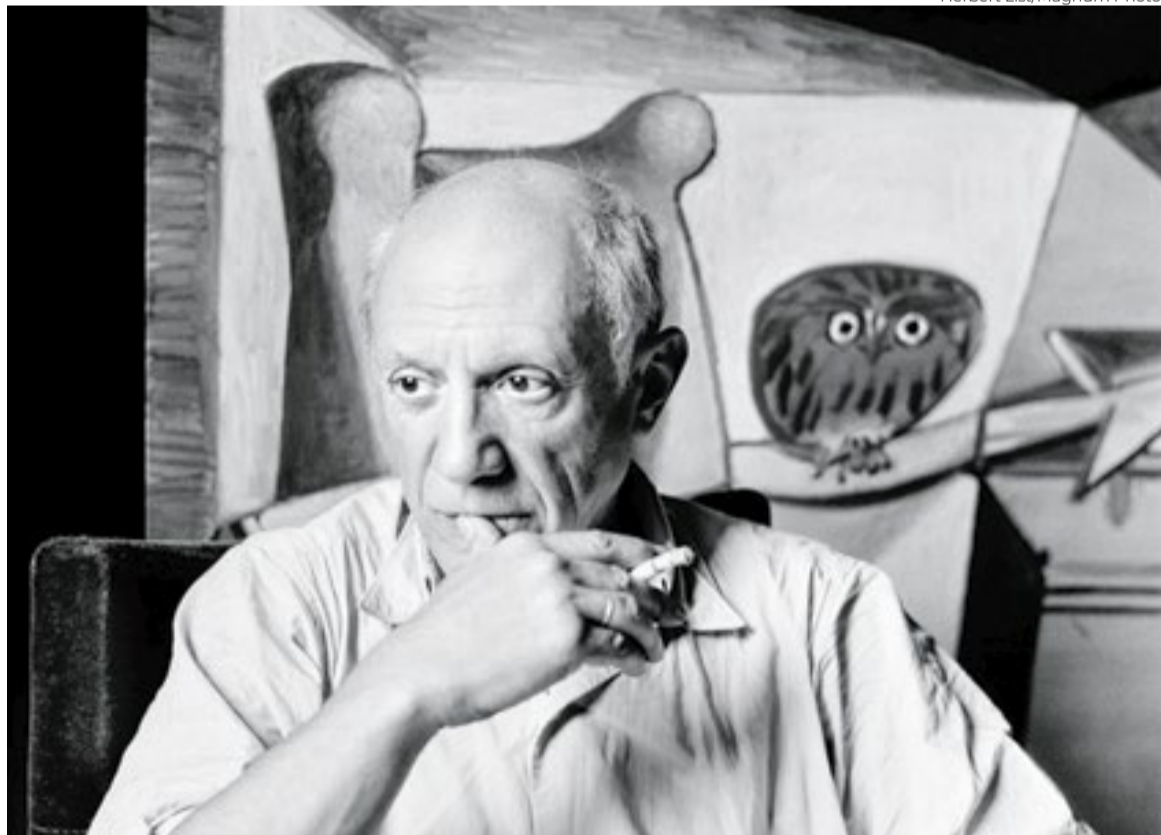
Uma guerra por 'Guernica'

Governo regional basco exige transferência da tela mais célebre de Picasso para a cidade que inspirou a obra

AFFONSO NUNES

A tela "Guernica", o quadro mais célebre de Pablo Picasso (1881-1973), voltou a ser centro de uma disputa política que divide instituições e governos na Espanha. O governo regional do País Basco solicitou a transferência temporária da obra para a região, especificamente para Gernika, a cidade bombardeada em 1937 por forças alemãs e italianas durante a Guerra Civil Espanhola. A proposta prevê uma exibição de nove meses como parte das homenagens aos 90 anos do bombardeio, que completa essa marca em abril.

A iniciativa ganhou peso político ao envolver o PNV, partido basco que integra a base de apoio do premiê Pedro Sánchez (PSOE). O



Herbert List/Magnum Photos

PNV avalia que rejeitar a proposta seria "um erro político grave", sinalizando a importância que a questão assume para a região. O timing também coincide com os 90 anos da pintura, previsto para o próximo ano. Para o governo basco, a transferência representaria uma "reparação simbólica" — reconhecimento do vínculo histórico entre a obra e o território que a inspirou.

A resistência, porém, é significativa. A presidente regional de Madri, Isabel Díaz Ayuso (PP), criticou a iniciativa classificando-a como

"provinciana". Seu argumento toca em questões de lógica patrimonial: "O que não faz sentido é voltar às origens das coisas apenas quando nos convém, porque então teríamos que levar toda a obra de Picasso para Málaga", comparou, referindo-se ao local de nascimento do artista. Ayuso também levantou preocupações técnicas, alertando para riscos à integridade da obra.

Essas preocupações técnicas não são infundadas. Relatórios encomendados pelo Ministério da Cultura ao Museu Reina Sofia — onde

"Guernica" está exposto desde 1981 — indicam que o transporte pode causar danos estruturais significativos. As vibrações inevitáveis durante o deslocamento poderiam provocar rachaduras, perda de tinta e rasgos na pintura. O quadro já apresenta um estado delicado de conservação, o que amplifica os riscos. O museu, em ocasiões anteriores, já havia negado pedidos similares de empréstimo. Desde sua repatriação do MoMA em Nova York, há mais de quatro décadas, "Guernica" nunca deixou Madri.

O Ministério da Cultura, através de seu titular Ernest Urtegas, considera o assunto encerrado. "Trabalhamos para melhorar a acessibilidade da cultura e, portanto, saudamos a mobilidade da arte. Mas, como Ministério da Cultura, também temos o dever de preservar nosso patrimônio, e os especialistas sempre desaconselharam a movimentação de 'Guernica' devido ao seu estado delicado de conservação, pois já está muito danificada", sustenta.

O governo basco, por sua vez, não questiona o estado de conservação da obra, mas cobra estudos específicos sobre quais seriam as condições técnicas seguras para uma eventual transferência temporária. Até o momento, afirma, não houve resposta nesse sentido do ministério — uma posição que mantém a questão em aberto, ainda que institucionalmente fechada.

A disputa parece refletir tensões mais amplas do que debate patrimonial, resvalando na histórica resistência do povo basco (separatistas) em relação ao governo central espanhol. "Guernica" é visto pelos bascos como símbolo da memória coletiva para a região. Sua permanência em Madri, para alguns, representa uma forma de apropriação centralista de um patrimônio que deveria estar mais próximo de seu contexto histórico. Por outro lado, há quem defenda que a obra transcendeu seu local de origem para se tornar patrimônio universal e, portanto, sua permanência em um museu de referência internacional é necessária.

A questão permanece em suspenso: nem o governo basco desistiu da proposta, nem o ministério sinalizou abertura para negociações. O que começou como um pedido simbólico para marcar uma efeméride histórica evoluiu para um debate sobre soberania cultural, responsabilidade patrimonial e o significado de "reparação" em contextos de memória histórica.

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Tiramisù:

a sobremesa que nasceu do café



JR Gomes/Divulgação

Locanda São José



Tomás Rangel/Divulgação

Escama

Um clássico italiano que transforma o espresso em puro afeto e ganha ainda mais sentido no Dia do Café

cone da doceria italiana, o tiramisù é uma celebração do café em sua forma mais indulgente. Feito com camadas de biscoito champanhe embebidos em espresso, creme de mascarpone e finalizado com cacau, ele equilibra intensidade e delicadeza como poucos. No Dia Mundial do Café, comemorado em 14 de abril, a sobremesa ganha protagonismo: é a prova de que o grão vai muito além da xícara, ele também pode ser memória, textura e prazer em cada colherada. Confira abaixo o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você desde receitas tradicionais até releituras criativas:



Divulgação

Giuseppe Grill



Divulgação

Mamma Jamma



Divulgação

Casa Horto



Rodrigo Azevedo/Divulgação

Babbo Osteria



Tomás Vélez/Divulgação

Oggi

BABBO OSTERIA - No restaurante italiano, em Ipanema, a pedida é o clássico tiramisù (R\$39). Ele é preparado com pão-de-ló, creme de mascarpone, café e cacau, combinação que equilibra leveza e sabor marcante, perfeita para os amantes do café. Rua Barão da Torre, 632 - Ipanema. Contato: @babboosteria.

CASA HORTO - O chef Yan Spadafori, que assina todo o cardápio da casa, criou uma releitura do clássico tiramisù com calda toffee e praliné de amêndoas (R\$ 42).

Rua Pacheco Leão 696 - Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310.

ESCAMA - O restaurante especializado em frutos do mar, no Jardim Botânico, oferece em seu menu o Duelo de Tiramisu (R\$ 36), duas versões da clássica receita italiana na versão tradicional e maracujá. Rua Visconde de Carandá, 5, Jardim Botânico. WhatsApp: (21) 97513-7455.

GIUSEPPE GRILL - Na casa de carnes, no Leblon, a tradicional receita de tira-

misù italiano é feita com biscoito champanhe, e finalizado com café Nolita (R\$ 36). Av. Bartolomeu Mitre, 370 - Leblon. Tel: (21) 99591-5277.

LOCANDA SÃO JOSÉ - É possível provar a receita tradicional doce italiano, o tiramisù (R\$28), desenvolvida por Gerard Granja, chef executivo do Grupo Locanda, com textura cremosa, e equilíbrio entre o café, o mascarpone e o cacau. Mercado São José - Rua das Laranjeiras, 90, 3o piso - Laranjeiras. Contato: @locandasaojose.

MAMMA JAMMA - A pizzaria oferece em seu cardápio uma releitura de tiramisù (R\$ 48,50), servida em uma travessa à mesa. Praia de Botafogo, 400 - 5º andar - Botafogo Praia Shopping. Contato: @mammapizzeria.

OGGI PIZZA NAPOLETANA - É possível encontrar na ala das sobremesas a clássica receita italiana de tiramisù (R\$ 29). Ela é feita com biscoito champanhe, creme de queijo mascarpone, marsala, chocolate ao leite e finalizado com café expresso. Rua Uruguai, 303 - Tijuca. Contato: @oggipizzanapoletana.